

CRIATIVIDADE NO CONTEXTO EDUCACIONAL

Eunice M.L. Soriano de Alencar
Pós-Graduação em Psicologia
Universidade de Brasília

A necessidade de se estabelecer na escola um espaço maior para o desenvolvimento das habilidades criativas do aluno e para a utilização de técnicas criativas de resolução de problemas tem sido apontada por pesquisadores de diferentes países, como Torrance (1983) nos Estados Unidos, Fustier & Fustier (1985) na França, Iakovlev (1976) na União Soviética, Rodari (1982) na Itália e De Bono (1986) na Inglaterra.

No Brasil, uma série de idéias errôneas sobre criatividade são compartilhadas por professores de diferentes níveis do ensino, o que constitui um fator inibidor para o estabelecimento de condições favoráveis ao desenvolvimento e expressão das habilidades criativas do aluno. Para muitos professores, por exemplo, a criatividade seria um dom presente em alguns poucos indivíduos privilegiados. Outros afirmam que a criatividade dependeria apenas de fatores do próprio indivíduo, subestimando a influência da escola e da sociedade para o processo criador. Ainda outros acreditam que a expressão criativa ocorreria apenas nas produções dos grandes talentos artísticos e nas novas propostas de inventores e cientistas.

Nos últimos anos, vários estudos foram desenvolvidos pela autora na área de criatividade, onde aspectos diversos foram investigados, como os efeitos de um programa de pensamento criador para crianças (Alencar, 1974a), a habilidade do professor em identificar alunos mais e menos criativos (Alencar, 1974b; 1985), as relações entre a criatividade do professor e de seus alunos (Alencar, 1976), a extensão em que traços de personalidade associados à criatividade estariam sendo reforçados em sala de aula (Alencar & Rodrigues, 1978), bem como as características psicossociais de alunos apontados por seus professores como mais e menos criativos (Alencar, 1984). Mais recentemente, estudos foram também desenvolvidos com um programa de treinamento de criatividade para professores (Alencar & Fleith, 1987; Alencar, Fleith & Rodrigues, 1987; Alencar, Fleith, Shimabukuro & Nobre, no prelo).

Em um primeiro estudo sobre o tema, a autora (Alencar, 1974a) investigou os efeitos de um programa de criatividade nas habilidades de pensamento criador de alunos de 4ª. e 5ª. séries de escolas públicas e particulares do Distrito Federal. O programa consistia em estórias sobre os grandes descobridores e inventores, como Colombo, Fernão de Magalhães, Marconi e Graham Bell, acompanhadas de exercícios de criatividade baseados no conteúdo das estórias. Os resultados obtidos indicaram ganhos significativos, por parte dos alunos que participaram deste programa, em várias

medidas de criatividade como fluência (número de respostas), flexibilidade (categorias em que as respostas se enquadravam) e originalidade (raridade estatística das respostas).

Um dos fatos que nos chamou a atenção durante o estudo foi a dificuldade em obter a colaboração de professores para a aplicação do programa. Estes alegavam que tinham um programa extenso a cumprir, não podendo permitir que os seus alunos "perdessem tempo", participando de um programa de criatividade. Uma ênfase exagerada na memorização e reprodução de conhecimento foi observada.

Em um segundo momento, investigamos a extensão em que professores do ensino do 1.º grau eram capazes de identificar os seus alunos mais e menos criativos. Dois estudos foram desenvolvidos com este propósito. No primeiro (Alencar, 1974b) 24 professores indicaram os seus alunos mais fluentes e menos fluentes, aqueles mais e menos flexíveis e aqueles que se destacavam tanto pela apresentação como pela ausência de idéias originais, após serem informados sobre fluência, flexibilidade e originalidade de idéias. Os dados levantados foram correlacionados com várias medidas de fluência, flexibilidade e originalidade, obtidas através do uso de testes de criatividade, observando-se, porém, correlações baixas e não-significativas. Constatamos neste estudo que muitos professores, ao serem instruídos para o preenchimento da folha de avaliação, manifestaram dificuldade em informar sobre os seus alunos, argumentando que em sala de aula, a sua preocupação maior era com respeito à transmissão do conhecimento.

Em um segundo estudo sobre este aspecto (Alencar, 1985), comparou-se a identificação de alunos mais e menos criativos por parte de dois grupos de professores: o primeiro grupo era composto por professores a quem foram dadas algumas informações sobre criatividade através de uma palestra e leitura de um texto da autora (Alencar, 1976) e que tiveram ainda dois meses para observar os seus alunos antes de indicar aqueles mais e menos criativos. O segundo grupo era composto por professores que não receberam quaisquer informações sobre habilidades criativas. Observou-se, neste estudo, que os alunos identificados como mais criativos pelos professores do primeiro grupo obtiveram escores significativamente superiores em várias medidas de criatividade, o que não ocorreu entre aqueles indicados pelos professores que constituíram o segundo grupo.

Foi também de interesse investigar a extensão em que traços que se associam à criatividade, como independência e curiosidade, estariam sendo encorajados em sala de aula. Para tal, desenvolveu-se um estudo com uma amostra de professores da rede pública do Distrito Federal a respeito tanto de traços e características que, na opinião dos professores, deveriam ser encorajados em sala de aula, como daqueles traços considerados indesejáveis pelos professores (Alencar & Rodrigues, 1978). Observou-se, neste estudo, que características relacionadas à criatividade, como

independência de pensamento, independência de julgamento, curiosidade, absorção nas tarefas que o aluno realiza, abertura a novas idéias e experiências, não foram consideradas características importantes a serem encorajadas pelo professor em sala de aula, os quais consideraram como mais desejáveis a obediência, a sinceridade, a atenção para com as pessoas e a boa aceitação pelos colegas.

Também em um estudo com uma amostra de crianças apontadas como mais criativas por seus professores e um outro grupo de crianças consideradas menos criativas, observou-se o pouco espaço reservado tanto ao desenvolvimento de habilidades criativas na escola quanto ao cultivo de traços de personalidade que se associam à criatividade (Alencar, 1984).

Em nossos estudos sobre o tema, temos constatado que o desenvolvimento da criatividade do aluno não tem recebido na escola a atenção desejável. Nem as características de personalidade associadas à criatividade têm sido encorajadas na escola e nem tampouco as habilidades de pensamento criativo têm sido desenvolvidas. Observamos, por exemplo, que, diante de tarefas bem simples, como fazer figuras com círculos e linhas paralelas ou sugerir mudanças em um brinquedo apresentado, os nossos alunos têm dificuldade em sugerir muitas respostas. O seu desempenho nestas tarefas é significativamente inferior ao de crianças de outros países, como dos Estados Unidos (Alencar, 1974c) ou mesmo das Filipinas, Índia ou Tailândia (dados sobre o desempenho de alunos destes países foram relatados em um painel sobre criatividade levado a efeito no "6th World Conference on Gifted and Talented Children", na Alemanha, em 1985, onde a autora esteve presente).

Acreditamos que o baixo desempenho, em tarefas que exigem várias respostas, por parte de alunos brasileiros, se deve, em grande parte, ao modelo adotado na escola brasileira. Este enfatiza de forma exagerada a transmissão e a memorização de informações e reduz a um mínimo a apresentação de problemas que tenham mais de uma solução correta. A curiosidade do aluno não é canalizada para a descoberta do conhecimento, não se incentivando o hábito de questionar, elaborar hipóteses, refletir e pensar criticamente e criativamente.

Preocupados com o reduzido número de habilidades que vêm sendo treinados e desenvolvidos em nossas escolas, demos início em 1985 a uma série de estudos com um programa de treinamento de criatividade para professores do ensino de 1º grau. Distintos grupos de professores participaram deste programa, o qual tem sido avaliado de forma altamente positiva (Alencar & Fleith, 1987; Alencar, Fleith & Rodrigues, 1987; Alencar, Fleith, Shimabukuro & Nobre, no prelo).

Este programa tem sido desenvolvido em 10 sessões semanais de três horas ou 15 de 150 minutos ao longo de um semestre. Ele consta de uma parte teórica e outra prática. Dentre os seus objetivos destacam-se o de conscientizar o

professor de habilidades criativas, que muitos desconhecem, e até mesmo negam, e o de familiarizar os participantes com as diversas técnicas existentes para o desenvolvimento do pensamento criativo, sendo este último objetivo alcançado através de uma aplicação das mesmas no grupo de participantes. Alguns tópicos têm sido também abordados durante o treinamento, como, por exemplo, idéias errôneas sobre criatividade, barreiras ao desenvolvimento de habilidades criativas e características do pensamento criador. Em algumas sessões, solicita-se ao professor desenvolver exercícios ou sugerir atividades que possam ser utilizadas em sala de aula para implementar algumas habilidades de pensamento criativo ou o fortalecimento de traços de personalidade que se associam à criatividade. Estes exercícios são posteriormente mimeografados e distribuídos a todos os professores, com a sugestão de aplicá-los em sala de aula, trazendo as respostas de seus alunos em uma sessão posterior.

Um primeiro estudo com este programa envolveu 42 professores de 4ª. série de escolas públicas de uma cidade satélite do Distrito Federal. Participaram do programa 23 professores e os demais constituíram o Grupo de Controle. Cinco alunos de cada um desses professores foram escolhidos aleatoriamente para responder a testes de criatividade e um inventário de interesses e características. Os professores responderam também a um questionário, avaliando diferentes aspectos do treinamento. Embora não tenham sido encontradas diferenças significativas nas medidas de pensamento criador a favor dos alunos dos professores que participaram do treinamento, estes avaliaram de forma altamente positiva o programa de criatividade, ressaltando que o mesmo foi uma experiência enriquecedora, não apenas em função do que aprenderam sobre criatividade e como implementá-la em sala de aula, mas também em função do que aprenderam sobre a necessidade de valorizar o trabalho do aluno, do seu papel na formação do autoconceito e de seu poder e influência na formação da criança.

Um segundo estudo (Alencar, 1987; Alencar, Fleith & Rodrigues, 1987) foi conduzido com este programa, o qual foi avaliado pelos professores não apenas após o término do mesmo, mas também cinco meses após, ocasião em que 22 dentre os 26 professores que participaram do treinamento foram entrevistados, respondendo, dentre outras, às seguintes questões:

.Mencione três aspectos do treinamento que mais tenham despertado o seu interesse.

.A senhora acredita que este tipo de treinamento é útil ao professor? Justifique sua resposta.

.Em sua opinião, o treinamento de criatividade contribuiu de alguma maneira para o desenvolvimento:

a. das suas potencialidades criativas?

b. das habilidades criativas de seus alunos?

.A senhora acha que um treinamento de criatividade é suficiente para que se estabeleçam condições em sala de aula

para o desenvolvimento das habilidades criativas de seus alunos?

Além da entrevista, testes de criatividade foram também respondidos pelos professores que participaram do Programa de Treinamento de Criatividade e por aqueles que constituíram o Grupo de Controle, observando-se ganhos em várias medidas de criatividade por parte dos professores que participaram do programa.

A análise dos dados obtidos através da entrevista indicou que 21 dos 22 professores entrevistados avaliaram o programa de forma altamente positiva, justificando a sua avaliação em termos principalmente dos novos conhecimentos adquiridos, atividades práticas desenvolvidas e incentivo à própria criatividade. Quanto aos aspectos do treinamento que mais despertaram o interesse dos participantes, observou-se que foram os exercícios e partes práticas propostas, os temas abordados, as mudanças ocorridas em si mesmos em função do treinamento, a oportunidade de trocas de experiência e relacionamento com colegas de várias escolas. Dentre os 22 professores 21 afirmaram que o treinamento foi útil à sua formação docente, justificando a sua resposta em termos das possibilidades criadas para a aprendizagem de novas maneiras de se trabalhar com o aluno e o despertar da própria criatividade do professor.

Os dados obtidos com este programa sugerem a contribuição do mesmo para a formação do professor e para mudanças na sua percepção do aluno, tornando-os conscientes da necessidade de se ampliar o leque de habilidades a serem treinadas na escola e incentivadas em sala de aula.

Referências:

- Alencar, E. M.L.S. (1974). A study of creativity training in elementary grades in Brazilian schools. Tese de Doutorado. Purdue University, Lafayette, USA (a).
- Alencar, E. M.L.S. (1974). Avaliação da criatividade de alunos por professores. Revista Interamericana de Psicologia, 8, 219-224 (b).
- Alencar, E. M.L.S. (1974). Um estudo de criatividade. Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada, 26, 59-68 (c).
- Alencar, E. M.L.S. (1976). A estimulação do pensamento criador. Educação, 22, 12-19.
- Alencar, E. M.L.S. (1976). Relação entre o nível de criatividade do professor e de seus alunos. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, 61, 376-380.
- Alencar, E.M.L.S. (1984). Características psicossociais de alunos mais e menos criativos. Interamerican Journal of Psychology, 18, 87-100.
- Alencar, E. M.L.S. (1985). The identification of the creative gifted by trained and untrained elementary-school Brazilian teachers. Trabalho apresentado no 6th

- World Conference on Gifted and Talented Children. Hamburgo, Alemanha 1985.
- Alencar, E. M.L.S. (1987). Efeitos de um programa de treinamento de criatividade nas habilidades de pensamento criativo de professores e alunos do ensino de primeiro grau. Relatório Técnico. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais.
- Alencar, E. M.L.S. & Rodrigues, C.J.S. (1978). Relação entre tempo de ensino, localidade da escola e características comportamentais consideradas desejáveis e indesejáveis por professores do ensino do primeiro grau. Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada, 30, 75-94.
- Alencar, E.M.L.S. & Fleith, D.S. (1987). Avaliação de um programa de treinamento de criatividade por professores do ensino de 1o. grau. Forum Educacional, 1987, 11, 51-63.
- Alencar, E. M.L.S., Fleith, D.S. & Rodrigues, M.A.M. (1987). Avaliação a médio prazo de um programa de treinamento de criatividade para professores do ensino de primeiro grau. Relatório Técnico. Decanato de Pesquisa e Pós-Graduação da Universidade de Brasília.
- Alencar, E.M.L.S., Fleith, D.S., Shimabukuro, L.A. & Nobre, M.S. (no prelo). Efeitos de um programa de treinamento de criatividade para professores do ensino de 1o. grau nas habilidades de pensamento criativo do aluno. Revista Interamericana de Psicologia.
- De Bono, E. (1986). The use of lateral thinking. London: Penguin.
- Fustier, M. & Fustier, B. (1985). Pratique de la Creativité. Paris: les Editions ESF.
- Iakovlev, N. (1976). The happy state of creativity. Soviet Education, 18, 21-24.
- Rodari, G. (1982). Gramática da fantasia. São Paulo: Summus.
- Torrance, E.P. (1983). Creativity in the classroom. Washington, D.C.: National Education Association.